SOB[RE] ÁGUAS PROFUNDAS

O livro I Ching, conhecido como o Livro das Mutações, obra oriental milenar, serviu como fonte de consultas e oráculo, sugerindo ações estratégicas que diferentes regimes ditatoriais e governos militares seguiram, subvertendo a sua real intenção. Quando a sua tradução encontrou a língua inglesa, no início do século XX, rapidamente tal publicação tornou-se uma referência para os capitalistas norte-americanos como também para os camaradas orientais. Do mesmo modo, ficções ou teorias pseudo-científicas tornaram-se uma fonte inesgotável para o radicalismo brutal de alguns movimentos extremistas. Para o regime nazista, por exemplo, os escritos de Karl Neupert foram extremamente importantes na fundação do movimento Hohlweltlehre, a Teoria da Terra Oca. Sabe-se que alguns membros do alto escalão do partido nazista eram adeptos da Thule Gesellschaft, uma espécie de ordem neo-templária mesclada com práticas ocultistas e ciências mágico-herméticas, fundada pelo alemão Rudolf von Sebottendorff. Esse tipo de literatura que mistura ficção com ciência remonta ao século XVII, mais precisamente aos estudos de Edmund Halley, o qual afirmava que a Terra era oca, contendo em seu interior outras três esferas. No interior dessas esferas haveria novas formas de vida que desconheceriam a existência das entidades das esferas maiores. Caberia aos seres mais externos, nesse caso, os humanos, cavar buracos para acessá-los. Um século mais tarde, o matemático Euler desenvolveu uma outra teoria, afirmando que não existiam esferas múltiplas no interior da Terra, mas sim apenas uma única esfera oca, com formas de vida superiores habitando em seu interior. Essas duas teorias serviram de estrutura para os estudos que fundamentaram o livro механика скрытой вселенной, Mecânica do Universo Oculto, do cientista russo Ivan Korolenko. Não por acaso, um exemplar desse livro foi encontrado em uma cápsula do tempo que os soviéticos implantaram no oceano através de um batiscafo russo, no século XX, a qual somente fora encontrada em 2050. Muito provavelmente, essa publicação também serviu para inspirar as expedições de um microsubmarino soviético, o qual foi o único submersível capaz de alcançar a profundidade que ultrapassava 100.000 pés.

Em uma de suas missões, o submarino foi enviado para a Antártica, como o objetivo de explorar um lago de águas turvas, congelado por milhares de anos. As constantes alterações climáticas e a elevação da temperatura que banha o globo terrestre fizeram com que o degelo revelasse o lago que os camaradas chamaram de VOSTOK. Nesse lugar, a vida seria diferente, pois os cientistas soviéticos acreditavam que tal lago conservaria um mundo pré-histórico, abrigando formas de existência nunca antes vistas.

O que vemos no filme VOSTOK, de Letícia Ramos, é um pouco dessa história: um elemento de uma complexa rede de provas e documentos que atestam a existência de um lugar que ainda não conhecemos. O rés de águas pré-históricas é, assim, capturado pelo submarino que a artista construiu, remetendo às explorações soviéticas. Manipulando as ferramentas da imagem, Letícia consegue extrair do infra-mince o mais sensível do notável. E aqui, olhando para as referências que a fotografia nos deixou, lembro de poucos casos semelhantes. São exemplares as experiências paranormais do norteamericano Ted Serios, com a máquina que fotografava o pensamento, os estudos dos russos Semyon e Valentina Kirlian, os quais criaram uma máquina para registrar a energia que circunda o nosso corpo, o aparato construído pelo alemão Augusto Mayer, uma máquina capaz de captar as esferas de energia que nossas mãos emanam, o melancólico Optograma do Dr. Vernois, o qual conseguia registrar a última imagem vista na retina de mortos e, finalmente, o equipamento improvável inventado pelo francês Hippolyte Baraduc: uma enorme máquina sem lente capaz de fotografar Deus.

É incerto que essas máquinas realmente tenham existido, mas as suas imagens nos mostram que a fé não é apenas um sistema de crença baseado no improvável. Ela vai um pouco mais além, onde a ciência encontra o truque e a magia enfrenta o cinema. Há nesses campos, linhas invisíveis que os afastam, do mesmo modo que os aproximam. Se exigirmos provas das teorias e dos postulados científicos, será no registro documental e nas experiências práticas que encontraremos a ilustração exemplar dessas metaficções.

E para aqueles que duvidam do tratado da Terra Oca, basta ir à Academy of Natural Sciences da
Filadélfia e encontrar lá a maquete desse mundo, projetada, no século XIX, por J. Cleves Symmes. Ou, estando mais próximo, também observar o Aquário construído por Letícia Ramos. Esses dois constructos são outras formas de exemplificar teorias que não necessitam de comprovação, tais como o cinema, a literatura e, até mesmo, a história. Assim, não restará dúvidas a respeito de experimentos que inventam o mundo dentro do próprio mundo, seja ele cheio de ar ou tomado por água.

Michel Zózimo
2013

SOB[RE] ÁGUAS PROFUNDAS

The I Ching, known as The Book of Changes, a cornerstone of the eastern cannon, became a source for consultation and an oracle, for various strategic actions adopted by different dictatorships and military governments - subverting its real intention. When it was translated to English in the early 20th century, if rapidly became a reference for North American capitalists, as well to eastern fellows. Likewise, fictions or pseudo-scientific theories became source for the brutal radicalism of some extremist movements. In the Nazi regime, for instance, the writings of Karl Neupert were foundational for the Hohlweltlehre movement, the 'Hollow Earth' theory. It is known that some upper echelon members of the Nazi party were adept to the Thule Gesellschaft, a sort of Neotemplar order mixed with occultist practices and hermetic magic sciences, founded by the German Rudolf von Sebottendorff. This type of literature that mixes fiction and science dates back to the 17th century, more precisely to the studies by Edmund Halley, who claimed the Earth was hollow, and that there were three other spheres within it. Inside these spheres there would be new forms of life, which were not aware of the existence of

entities in the larger spheres. It would be up to the external beings, in that case, humans, to dig holes and access them. One century later, the mathematician Euler came up with another theory, stating that there were no multiple spheres inside the earth, but only one hollow sphere, and that superior forms of life lived inside it. These two theories were the base for studies that founded the book механика скрытой вселенной, Mechanics of the Hidden World, by the Russian scientist Ivan Korolenko.

Not by accident, a copy of this book was found in a time capsule that Soviets implanted in the ocean through a Russian bathyscaphe, in the 20th century, which would only be found in 2050. It is very likely that this publication also served as inspiration for expeditions of a Soviet micro-submarine, which was the only submersible able to go deeper than 100,000 feet.

In one of its missions, the submarine was sent to the Antarctic, aiming to explore a murky lake that had been frozen for thousands of years. The recent increase in global temperatures revealed the lake, which was named VOSTOK. There, life would be different, because Soviet scientists believed that such a lake could conserve a prehistoric world, maintaining forms of life that had never been seen before.

The film VOSTOK, by Letícia Ramos, recounts a little of this story: an element of a complex network of proofs and documents that confirm the existence of a place we are not familiar with yet. The ground of prehistoric waters, then, is captured by the submarine built by the artist, reminding us of Soviet explorations. By manipulating image tools, Letícia can extract from the infra-mince the most sensitive of the remarkable. And here, by looking at references left for us by photography, I remember only a few similar cases. Some examples are the paranormal experiences by the North American Ted Serios, with a camera that took pictures of thoughts; the studies by the Russians Semyon and Valentina Kirlian, who created a machine to register the energy surrounding our body; the device built by the German Augusto Mayer, a machine that was able to capture the energy spheres our hands emanate; the melancholic Optogram, by Dr. Vernois, who could record the last image seen by the retina of the dead; and, finally, the

unlikely equipment invented by the French Hippolyte Baraduc: a huge camera without lenses that was able to take photographs of God.

It is uncertain whether or not these devices really existed, but their images show us that faith is not only a system of belief based on the unlikely. Moreover, it goes where science finds tricks and where magic faces the cinema. In these fields, there are invisible lines drawing them apart, at once bringing them together at the same time. If we demand proof of scientific theories and postulates, document records and practical experiences will show us an example of these metafictions.

And for those who doubt the Hollow Earth treaty, it is worth a visit to the Academy of Natural Sciences of Philadelphia which safeguards the model of this world, designed in the 19th century by J. Cleves Symmes. Or, if nearby, it is worth a visit to the Aquarium built by Letícia Ramos. These two constructs are other ways of exemplifying theories that require no confirmation, such as cinema, literature and even history. Therefore, there will be no doubts regarding experiments that invent the world inside the world itself, be it filled with air or taken by water.

Michel Zózimo
2013